



ISSN 1984-5634

ARTIGO LIVRE

PENSANDO MODERNIDADE E GÊNERO ATRAVÉS DO PERSONAGEM TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO, DA REVISTA CARETA (1909-1919)

Thinking modernity and gender through the character Tiburcio D'Annunção, from Careta magazine (1909-1919)

BRUNO CORRALES PEREIRA¹

RESUMO:

A vertigem causada pelos tempos modernos da transição entre os séculos XIX e XX é uma perspectiva para se compreender as visões existentes à época a respeito das alterações nas relações de gênero. Para apreender estes fenômenos escolhemos a revista *Careta*, surgida em 1908, tendo em vista que ela se transformou em um dos principais periódicos de variedades brasileiros na Primeira República. Mais especificamente, abordaremos as referências da *Careta* ao personagem Tiburcio d'Annunção, um coronel do interior de Minas Gerais que se mudou para a capital do país e, a partir disso, passou a escrever correspondências com seus pareceres sobre as novas formas de vida pautadas pela modernidade. Este artigo visa provocar uma reflexão sobre como o personagem foi caracterizado, bem como sobre a forma que o periódico se valeu de sua figura, ao abordá-lo em aspectos de sua masculinidade, para tratar de debates relacionados a gênero e instigar seus leitores a rir do cotidiano moderno em plena década de 1910.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Masculinidades; Revista Careta.

ABSTRACT:

The dizziness caused by the modern times of the transition between the 19th and 20th centuries is a perspective for understanding the views that existed at the time regarding changes in gender relations. To understand these phenomena, we chose the magazine *Careta*, which appeared in 1908, considering that it became one of the main Brazilian variety periodicals in its First Republic. More specifically, we will address *Careta's* references to the character Tiburcio d'Annunção, a colonel from the interior of Minas Gerais who moved to the country's capital and, from there, began to write correspondence with his opinions on the new forms of life based on modernity. This article aims to provoke reflection on how the character was characterized, as well as on the way in which the periodical used his figure, when approaching aspects of his masculinity to address debates related to gender and to encourage its readers to laugh of modern daily life in the 1910s.

KEYWORDS: Modernity; Masculinities; Careta Magazine.

GESTÃO EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

SUBMETIDO: 26/05/2024

ACEITO: 24/03/2025

COMO CITAR:

PEREIRA, B. C. Pensando modernidade e gênero através do personagem Tiburcio D'Annunção, da revista *Careta* (1909-1919). *Aedos*, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 159-177, ago.-dez., 2026.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH-UFRGS). Funcionário Público da Prefeitura de Porto Alegre (RS). Interesses em pesquisas dos campos Relações de Gênero, História do Brasil e História da Imprensa, com ênfase em masculinidades e imprensa de humor. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4850-344X>. Email para contato: brunocorralresp@hotmail.com

“**A** para o bonde!”, exclama Tiburcio d’Annuniação, em uma de suas aparições em charges da revista *Careta*. Cabeçalho de uma das seções do periódico em questão, sua imagem foi reproduzida por anos a fio, apresentando não só o personagem, como também o contexto no qual ele se inseria. Sua fala reúne a “correria” urbana do início do século XX ao seu cotidiano, em que busca dar conta dos rumos de sua família e cumprir seu papel de chefe da casa. O bonde, antes do automóvel, foi a representação máxima das inovações dos tempos, que aceleravam as rotinas e encurtavam as distâncias. Apenas de olhar a charge, observável na Figura 3 deste artigo, perguntamo-nos: qual o rumo de Tiburcio e sua família?

A modernidade, como discute Marshall Berman, é um turbilhão que mexe tanto com a sensibilidade do ser humano quanto com suas condições materiais (Berman, 2010, p. 16-18). Em uma confluência de fatores, ela mistura avanço científico, mudanças na produção (nascidas da industrialização), aceleração dos ritmos de vida, explosão demográfica, choque entre culturas, novos sistemas de comunicação, dinâmicas de Estado, etc. (Berman, 2010, p. 16).

Essas práticas puderam ser averiguadas no Brasil das primeiras décadas do século XX. O momento é marcado não só pelo desenvolvimento do regime republicano no país, como também pelas buscas por inserções culturais de brasileiros ao que vigorava no exterior. Desde as práticas políticas até os costumes de sociabilidade, tudo passou a operar com base em fatores típicos da modernidade – ainda que, dependendo do estado, suas expressões tivessem adotado mecanismos diferentes de ação. No caso específico do Rio de Janeiro, que, aliás, é o cenário da charge mencionada, os próprios ares de capital ditam “não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, os modos de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima” (Sevcenko, 2006, p. 522). Vivenciar aquele espaço significava fazer parte da confluência de novas informações oriundas de fora do país, que dialogavam e ganhavam outras potencialidades dentro do cenário nacional a partir daqueles que pretendiam elaborar um novo Rio.

Em termos de comunicação, é inevitável mencionar as mudanças passadas pela imprensa brasileira no decorrer da Primeira República: com o emprego de máquinas cada vez mais modernas, tornou-se possível aumentar as tiragens lançadas, além de complexificá-las com mais páginas, com melhor qualidade gráfica e novas formas de escoamento da produção (Luca, 2012). As mudanças técnicas acompanharam mudanças de pensamento, que viam as alterações materiais, tecnológicas e urbanas advindas do ingresso capitalista de produção como sinônimos de progresso, crescimento e melhoria. A “aura” da época, pautada por uma modernidade idealizada, idílica e sem contradições, tornou-se o que passamos a chamar de *Belle Époque*, ou Bela Época – percebe-se que até o termo se baseia na tradição francesa, em uma manifestação clara de aproximação com esta.

Dessa maneira, os periódicos tornaram-se *lôcus* privilegiado para a observação das dinâmicas vivenciadas durante o período inicial da República, afinal de contas, como afirma Tânia Regina de Luca, “eficiência, pressa, velocidade e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração” (Luca, 2012, p. 104).

Não é à toa que, para falar de modernização, elegi uma das referências visuais e sucesso de vendas da imprensa da época: a revista *Careta*. Criada em 1908, ela surgiu pelas mãos de Jorge Schmidt, editor já experiente por outras publicações desse tipo, e que investiu no novo semanário a fim de ganhar

terreno entre o crescente público-leitor da camada média da sociedade republicana, competindo, assim, com outras referências do segmento como *O Malho* (nascida em 1902) e *Fon-Fon!* (de 1907) (Correa, 2012, p. 76-79).

A *Careta* sempre buscou vender a si como moderna e adepta ao progresso. Com isso, “marcou época não somente por ser representativa de uma cidade que se queria símbolo de modernidade, mas por ser a própria publicação representante da evolução técnica que mudaria de certa forma os paradigmas do jornalismo literário” (Nogueira, 2010, p. 63). Entre suas inúmeras marcas, uma que ganhou destaque ao longo de seus longos anos de lançamentos foi o personagem do início desse texto, o Coronel Tiburcio d'Annunção, anunciado como um colaborador, mas que se trata, na verdade, de uma invenção do próprio periódico.

Seguindo a arquetípica figura do interiorano que se muda para a cidade-grande, Tiburcio é retratado principalmente em crônicas e versos, mas também em algumas charges e fotografias. Sua trajetória é marcada pelo trânsito entre o rural e o urbano, entre o passado e o presente, entre o tradicional e o moderno, o que me fez optar por escolhê-lo como recorte interno nas fontes. Entre os variados temas abordados pelo personagem-autor, as relações de gênero e suas transformações sociais do início da República foram relevantes em diversas passagens. Procurarei, desta forma, observar os usos feitos do personagem, pela revista *Careta*, para a representação das mudanças provocadas pela modernidade carioca dos anos 1910. Além disso, cabe entender sua visão a respeito das relações de gênero, compreendendo as versões carregadas pelo personagem e sua inserção no processo de modernização da sociedade brasileira.

TIBURCIO DA ANUNCIAÇÃO: PERSONAGEM E COLABORADOR

O personagem Tiburcio da Anunção – ou Tiburcio d'Annunção – é uma figura interessante. Desenvolvido em 1909, é mais comum a atribuição de sua origem ao jornalista, escritor e diplomata José do Patrocínio Filho, devido a uma peça de teatro escrita por ele que teve Tiburcio no papel principal (Velloso, 2015, p. 122; Borges, 2011, p. 281; Cunha, 2008, p. 110). Por outro lado, Elias Thomé Saliba pontua a possibilidade de o personagem ser fruto de uma escrita coletiva. Durante sua análise da seção da *Careta* chamada *Le Carète Economique*, que foi publicada entre os anos de 1910 e 1917, Saliba fala da participação de um dos proprietários da revista na época, Mário Bhering: “O próprio Mário Bhering, apresentado pela revista como redator da ‘Carète’, assinava-se muito raramente como ‘Cel. Tibúrcio da Annunção’ ou então com o nome bipartido e macarrônico de ‘Roux-Sô’” (Saliba, 2002, p. 317).

O antropólogo Rogério Nascimento, em livro publicado em 2016, ainda defende a autoria como sendo de Lima Barreto (1881-1922), utilizando como argumento para tal o viés de crítica social dos personagens de Barreto, algo observável em versos de Tiburcio (Cartas, 2016). A historiadora Beatriz Rodrigues demonstra como até mesmo em outras publicações periódicas faziam menção a Tiburcio, por vezes confundindo-o como um pseudônimo de intelectuais/jornalistas como Cornélio Pires e Viriato Correia (Rodrigues, 2015, p. 72-74). O denominador comum entre todas estas pesquisas é a revista *Careta*, reconhecida por todos os autores como local de publicação por excelência do personagem.

Outro aspecto que colabora para sua aura de mistério se refere à própria materialidade de sua pessoa, isto é, se existia de fato ou era “apenas” um personagem. Esse questionamento é respondido

pelos responsáveis da seção *Gaveta de Cartas*, espaço em que a *Careta* sanava dúvidas de seus leitores, ou debatia sobre os tópicos citados por eles em suas correspondências enviadas à redação. Em seu número 34, a *Careta* responde a G. Lisboa, de São Paulo:

G. Lisboa – S. Paulo – apostou com um amigo que o coronel Tiburcio d’Annuniação não existe, que é invenção da *Careta*; o amigo diz que o coronel existe. G. Lisboa pede que resolvamos a aposta.

Ora, sr. Lisboa! pois o senhor não sabe ler? Não tem lido as cartas do coronel, não lhe tem visto o retrato em diversos numeros da *Careta*? O coronel Tiburcio d’Annuniação existe, é de Sant’Anna do Rio Abaixo, mas está aqui com a família, no Hotel Avenida. É amigo intimo dos senadores Gervasio Lobato e Francisco Salles, e póde ser visto todos os dias, entre uma e duas horas, no terraço da Castellões, tomando orchata. Pague a aposta e, de outra vez, seja menos ingenuo (*Careta*, 23/01/1909, p. 27, grifos do original).

A irreverência característica das respostas aos correspondentes da *Gaveta de Cartas* surge de maneira a questionar a própria dúvida do leitor, valendo-se de uma suposta rotina do personagem e de uma trajetória de vida que legitimaria sua existência. Além de “eminente colaborador” e redator de cartas para a revista, “é de Sant’Anna do Rio Abaixo”, local afastado, o que força o colaborador a morar no Rio de Janeiro “com a família, no Hotel Avenida”. A indignação cômica do autor da resposta indica que tudo isso seria evidente, comprovado pelo leitor caso esse acompanhasse mais as páginas da revista. Trata-se, no fim, de uma dupla comicidade: a presença real de Tiburcio no Rio de Janeiro é engraçada por si só, ao mesmo tempo, debocha-se dos leitores por ficarem matutando se aquele ser fictício de fato existia. Isso tudo, claro, se a própria correspondência enviada à redação não fosse uma troça dos leitores, tentando engajar com a revista por diversão, em cumplicidade com o espetáculo de Tiburcio!

A fotografia foi vista – e utilizada, o que é mais relevante ainda para o que discutimos aqui – como recurso de legitimação, como uma representação fidedigna do real (Ueócka, 2004, p. 266). Não é à toa que tanto na resposta por escrito quanto em fotografias publicadas nas edições de números 32 e 34 (Ver Figuras 1 e 2), o recurso fotográfico aparece como argumento para validar a existência humana de Tiburcio.

Em sua origem francesa, a fotografia foi criticada por deixar de lado a liberdade artística, focando em uma ação mercadológica de realismo, sendo uma invenção característica da modernidade, de rápida reprodução e maior atenção aos detalhes (Velloso, 2015, p. 36-40). Em parte, a discussão aparece no Brasil, e é interessante observar esse tipo de recurso ser empregado para “defender” Tiburcio d’Annuniação. Mas isso não se dá ao acaso. Como será apresentado adiante, os diálogos entre tradição e modernidade se tornaram marca do personagem, que serviu como canalização para a discussão das contradições de seu tempo.

As imagens em que ele aparece estão manipuladas com retoques provavelmente feitos por algum membro do setor artístico da *Careta*. Assim como fez Valério Vieira, pintor responsável pela primeira fotomontagem brasileira (Velloso, 2015, p. 40), mexer com a imagem fotográfica de Tiburcio mostra o movimento da *Careta* de brincar com a capacidade de manipular o que é considerado real, debochando do próprio caráter documental da fotografia, seja por utilizá-la para um personagem inventado, seja por visivelmente manipular as fotos para encaixá-lo em um paradigma de realidade.



Figura 1. Tiburcio está à direita, destacado por uma seta feita por mim. O texto abaixo da imagem destaca sua presença como colaborador da revista. Fonte: *Careta*, 09/01/1909, p. 25, Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Como afirma Ana Maria Mauad (2002), as escolhas ao redor de uma fotografia servem para compreendermos as possíveis mensagens que seus autores desejavam transmitir. Para isso, contamos com as formas de expressão, o que inclui também seu formato, cenário, disposição de elementos, tipo de foto, sentido, etc. (Mauad, 2002, p. 23). Se na Figura 1 Tiburcio aparece como um figurante do ângulo fotografado, meio escondido e fora da parte central da cena, na Figura 2, ele é representado como alvo do registro. Sua foto é captada na vertical (passando autoridade, hierarquia, inteireza), posicionada bem ao centro da página (o que lhe dá significativo destaque narrativo e visual) e desprovida de cenário (com um fundo pintado, o foco é a artificialidade da pose, feita para um retrato a ser publicado). Levando em conta como “a imagem produzida em estúdio reificava os estereótipos sociais, educando o olhar para ver da maneira que deve ser visto” (Mauad, 2002, p. 68), e a ligação da Figura 2 com sua composição geral na página, é perceptível a intenção da *Careta* de passar uma ideia de que seu personagem era, além de um homem real, alguém respeitável.



Figura 2. Retrato de Tibúrcio. Fonte: *Careta*, 23/01/1909, p.10, Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Isso também fica evidente ao lermos o texto que acompanha a fotografia: sob o título “*Aos ilustrados inleitores da Capitá Federá*”, Tibúrcio da Anunciação se apresenta ao público da revista, traçando uma breve autobiografia. Nesta ocasião, ele estaria concorrendo a um cargo político, daí a necessária introdução de sua história de vida:

Sou candidato a um logá de deputado pela Capitá Federá do Brasil, nas inleições que vae havê[...] Eu sou [...] um home conhecido e de conceito, fazendeiro e coroné da Guarda Nacioná, pae de uma famia que está no Rio por causa de um casamento contractado com um moço que aqui véve e resede. [...] Eu cá sou republicano, desde os tempo do Provisorio e não renego minhas idéa. [...] Os literato, jornalista e toda a famia de escrevinhadô tomen não póde me negá seus voto, porque eu sou collaboradô da *Careta*, e isso contriboe para a inlustração dos espirito do povo (*Careta*, 23/01/1909, p.10, grifo do original)

Aqui, ele assina como “Tiburcio Porfirio da Annunção”, um “coronel, fazendeiro e colaborador da *Careta*”. A patente de coronel foi a mais alta da Guarda Nacional, conferindo um sinal de prestígio ao personagem, contextualizando de onde viria sua suposta influência. Conforme Aldrin Castellucci, diversos membros da corporação apresentaram entrelaçamentos na esfera política, lançando-se a cargos eletivos ou compondo militâncias em fins do século XIX e início do XX (Castellucci, 2008, p. 218). Ainda que a instituição Guarda Nacional tenha perdido espaço na ordem política para o próprio Estado, para as forças burocráticas e policiais da República (Carvalho, 1999), sua relevância dentro do imaginário permaneceu, servindo aqui como forma de projeção até mesmo para um personagem de humor.

Outros foram os elementos importantes para sua “autocaracterização”: é republicano convicto, além de aliado da intelectualidade que transita entre a literatura e a imprensa. O fazer da escrita (“escrevinhadô”) aparece como uma missão, já que tal valor é levantado para fins de “ilustrar o povo”. Apesar de carregar a tradição (como é o caso do casamento arranjado), Tiburcio se mostra também capaz de ser *avant-garde*, defendendo uma ideia de republicanismo, uma união ao redor das letras e uma série de valores que favoreceriam todas as classes – mas que acompanham, em meio a tudo isso, a aura de pioneirismo letrado que muitos jornalistas daquele período procuravam instaurar ao redor de si.

Nesse sentido, um aspecto importante de se pontuar é a linguagem utilizada pelo dito coronel, que pouco tem de formal ou erudita. Em 1913, uma edição debocha disso: “O Coronel Tiburcio d'Annunção, ao que parece, não se tem aperfeiçoado muito em syntaxe [...]” (Careta, 04/01/1913, p. 17). Suas falas costumam ser reproduzidas de maneira a imitar a entonação das palavras, como se o sotaque interferisse na sua escrita: “O coronel tem secretarios. Elle não escreve uma só palavra com a sua mão. Deixou a Penna ha muito tempo, desde que [...] o medico lhe proibiu escrever [...] o secretario não pôde alterar uma letra; escreve como o coronel dicta” (Careta, 25/11/1911, p.18). Se por um lado podemos encarar isso como um deboche às suas origens, por outro, podemos ver como uma tentativa de renovar as formas de representação de personagens, uma inovação estética e narrativa, como retornarei a abordar adiante.

Apesar de ser difícil elencar as autorias do pseudônimo,² Tiburcio parece ter sido uma figura escrita a várias mãos, ainda mais se tratando de um personagem recorrente por tantos anos na *Careta*. É preciso levar em conta o esforço coletivo em criar uma biografia, em manipular fotografias, em escrever seus posicionamentos, muitas vezes conflitantes de um ano para o outro – isso quando os autores não reiventavam o grau de participação de Tiburcio, que uma hora é autor de correspondências, e em outra alguém pouco afeito à escrita. Fictício, mas nem por isso menos relevante, esse é Tiburcio da Anunção, personagem-autor de supostas colaborações que atravessaram os anos e rechearam as páginas da *Careta* com sua literatura e opinião. Passemos, então, a observar o desenvolvimento destes escritos.

2 O recurso do pseudônimo muitas vezes serviu para ocultar o real nome do autor, podendo resguardar sua identidade e evitar prejuízos na vida pública e/ou política. Outros pseudônimos se tornavam tão marcantes que eram diretamente associados aos seus usuários (Saliba, 2002). No caso de Tiburcio, todas as características adjacentes às suas contribuições com a *Careta* levam a crer que a sua criação foi um esforço consciente de desenvolver um *alguém*, para além de “simples” proteções de identidades individuais.

TIBURCIO DA ANUNCIAÇÃO: OPINIÕES E DIÁLOGOS

Apesar das breves “aparições” em outros formatos, o verdadeiro espaço de destaque do personagem se deu através de suas colaborações em texto. Entre 1909 e 1916, a seção *Cartas de um Matuto* trouxe as correspondências de Tiburcio para sua comadre Thereza, que ainda vivia no interior de Minas Gerais. Em versos rimados,³ ele contava à comadre sobre os eventos políticos do país, sobre as mudanças sociais vistas na Capital, sobre as enrascadas em que se metia, ou, ainda, discutia questões de família, em especial o casamento da filha Bibi. De 1916 até cerca de 1919, quando as aparições do personagem ficam cada vez mais escassas,⁴ o coronel atua na revista principalmente na qualidade de entrevistado, nos momentos em que algum membro da redação ia até ele para consultá-lo quanto aos acontecimentos recentes da nação. Nesse sentido, os títulos variam, como em “O momento nacional pelo Coronel Tiburcio” (Careta, 21/06/1917, p. 8), em “A ‘Careta’ entrevista o Coronel Tiburcio sobre a guerra” (Careta, 10/03/1917, p. 31), ou ainda “O coronel Tiburcio d’Annunção Sobre as tragedias do amor” (Careta, 09/12/1916, p. 29).

Em determinada publicação de *Cartas de um matuto*, o personagem discute sobre o calor intenso do Rio de Janeiro, mencionando como os cariocas gostam de vivê-lo. Ao comprar um termômetro, Tiburcio é instruído a colocar o objeto na parede para poder medir a temperatura do ambiente. Contudo, ele entende as instruções errado, achando que o objeto seria responsável por *controlar* a temperatura. Quando o calor fica insuportável – algo que é marcado pelo termômetro –, Tiburcio se sente enganado pelo vendedor:

[...] O quarto esquentou, comadre,
Qu’eu não pude mais guentá.

Ahi peguei no termonetro
E vorteipro tá sujeito:
–Toma esse trem, seu canáia,
Guarda e faça bom proveito!
Isso não são brincadeiras
Com um home de respeito!
(Careta, 09/01/1909, p. 11)

Os acontecimentos envolvem, de uma maneira geral, o choque do personagem com o âmbito urbano, com os novos tempos e com as tecnologias que são utilizadas pelos costumes modernos,⁵ algo

3 Os versos são sequenciados, rimando entre si, bem estruturados (ao contrário das futuras “desconstruções” dos modernistas), porém seguem um fluxo constante, encaixando um assunto no outro, reunindo tópicos, pessoas e “morais da história” em uma só página. Como visto anteriormente, a revista menciona, em 1911, que sua escrita era feita por secretários de Tiburcio, visto que ele apenas ditava as frases (Careta, 25/11/1911, p.18).

4 Sua saída do cargo de colaborador, de acordo com a edição nº 472 da *Careta*, deu-se por causa de problemas de saúde: “[...] Tiburcio da Annunção [...] só deixou de colaborar efectivamente nestas colunas, quando uma séria indisposição rheumatismal lhe tolheu o braço” (Careta, 07/07/1917, p. 24).

5 Aqui, podemos fazer um paralelo com o que Marshall Berman (2010) discute a respeito da obra de Rousseau, *A Nova Heloísa*. Nela, o personagem chamado Saint-Preux viaja do interior para a cidade, a partir da qual passa a corresponder com sua amada, comunicando-lhe sobre suas desilusões com urbanidade moderna. Deslocando-se alguns pontos aqui e acolá, podemos perceber como o “movimento exploratório” se coloca de maneira similar: Tiburcio também tem como ponto de criação sua viagem para a cidade-grande; e apesar de ser velho, ao contrário do jovem Saint-Preux, e de não trocar escritos com uma mulher amada, e sim com uma comadre, cruza por momentos de arrependimento, confusão, falta de compreensão, ceticismo, pessimismo, etc.

exemplificado pelo termômetro. Isso tudo se relaciona com a construção narrativa de que o meio no qual Thereza residia, o típico ambiente interiorano de Minas, comportava os aspectos rurais associados à “vida pequena”, onde todos se conhecem, onde se associam as ideias de paz, virtudes simples e vida natural, em um contraste à amplitude e artificialidade da cidade, espaço de ambição, cacofonia, falta de tempo e, nesse caso, ganância (Williams, 1989).

Além disso, percebemos também uma série de diálogos que trazem percepções sobre relações de gênero e os contrastes de um personagem que teria vindo do campo. O “isso não são brincadeiras com um homem de respeito” supracitado já é um exemplo de ideias sobre uma masculinidade baseada na honra viril, um universo em que a *palavra* masculina é muito importante, onde deve existir um respeito entre pares (Guillet, 2013).⁶ O mesmo é possível de se ler em “*O coronel Tiburcio d'Annunção Sobre as tragedias do amor*”, quando o personagem é “entrevistado” para emitir sua opinião sobre o direito dos homens matarem suas esposas em caso de adultério. Inclui-se no debate o assassinato do amante, e sobre isso, Tiburcio é categórico: cada lugar possui um costume, na roça, esse tipo de querela era resolvida na bala. Porém, conforme o coronel, “Se o marido perdôa uma vez a muié desencaminhada, não tem honra, e por isso não pode mais matá outro por causa de sua ‘honra’, de uma coisa que elle já não tem” (Careta, 09/12/1916, p. 29). Sendo a honra do homem casado algo estendido sobre sua família, no campo, deixar manchar a reputação era sinal de fraqueza e de vergonha de todos seus membros (Sant’Anna, 2013, p. 249).

Desta forma, essas diferenças entre os âmbitos rural e urbano aparecem sobre os costumes voltados para a sociabilidade do homem com o gênero feminino. Não podemos dissociar esses choques culturais do contexto ao qual se inserem, já que é nesse momento que as mulheres das camadas médias ganham maiores espaços de circulação dentro do cenário urbano brasileiro (Hahner, 2003, p. 183; 188-189). Entretanto, se os trânsitos femininos aumentam, também cresce a vigilância sobre seus corpos e posturas: “esta maior visibilidade social das mulheres, cada vez mais fora do espaço doméstico, leva a reações de desagrado por parte de homens que representariam esta ordem patriarcal ameaçada” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 39). Isso é passível de ser observado em outra edição de *Cartas de um Matuto*, no que se refere às mudanças de vestimentas das mulheres no início do século XX:

Quando vi um otomóve
Preso, sem podêandá,
Fiquei com quiriosidade
De i mais perto espiá.
Era um safanão d’aqui,
Um empurrão d’acolá;
Profim eu cheguei mais rente
E comecei a gritá:
– “Agarra as jipe-culóte,

6 O campo era marcado por práticas de violência diretamente relacionadas à masculinidade, seus desdobramentos viris, e à ideia de que um deveria respeitar a honra do outro, algo interligado a uma noção de justiça própria da palavra. Como afirma a historiadora Denise Bernuzzi Sant’anna, “em diferentes regiões do país, homens que deviam dinheiro, mal pagadores de diversos tipos, foram inúmeras vezes vítimas de vinganças, da vontade de fazer justiça com as próprias mãos” (Sant’Anna, 2013, p. 249).

Espatifa! mata! esfóla!
 Muié de carça é indecente;
 Fóra! Fóra as marióla!
 Povo, arranca esses carção,
 Põe ellas de camisóla,
 Se não ellas toma pé
 E amanhã tão de cartóla!”
 (Careta, 25/03/1911, p. 18)

Em primeiro lugar, nota-se a estranheza provocada por mulheres usando calças em público, já que um burburinho se formava para opinar a respeito, fator que chamou a atenção do personagem. As mulheres citadas provavelmente usavam o modelo *jupe-culote*, calça feminina lançada em Paris considerada sinônimo de elegância (Cunha, 2008, p. 350). Segundo Fabiana Cunha, à época o uso dessas calças foi encarado com escândalo pelo fato de o modelo supostamente gerar “furor aos olhares desejosos dos homens”, visto que “deixava à mostra o contorno das pernas e instigava a imaginação masculina” (Cunha, 2008, p. 350).

Tibúrcio entra na onda polemista e contribui com falas agressivas, reiterando as diferenças de gênero. O seu esforço parte para lugares sombrios, onde exorta a violência, o feminicídio, diz que se os homens permitirem as mulheres provocarão a inversão social⁷ em breve. Na sequência, o personagem descobre que sua esposa e sua filha também estão aderindo à nova moda, o que o deixa chocado por mais alguns versos. Na última parte desta edição das *Cartas*, no entanto, Coronel Tibúrcio muda de opinião. Isso acontece porque o personagem associa as modernas calças à facilidade de subir e descer dos bondes:

Eu pensei com meus botão:
 – “Gente, não é que é verdade,
 Não é que é mêmo bem bão,
 Pra senhoras de família,
 Andá de saída-carção?
 Quem inventou essa móda,
 Tinha lá suas razão...”
 (Careta, 25/03/1911, p. 18)

Segundo Fabiana Cunha, os momentos de embarque eram usados para espiar as mulheres que vestiam as tradicionais saias, que acabavam sendo brevemente levantadas para o ingresso nos veículos (Cunha, 2008, p. 351). A aceitação da nova moda parte de um ponto de vista conservador, já que

7 Da virada do século até o pós-Primeira Guerra, uma série de avanços sociais de grupos subalternizados gerou reações conservadoras nas quais se temia uma suposta inversão de autoridade social entre os gêneros masculino e feminino. Várias questões demonstraram tal receio: “Negros, mulheres e os [...] homossexuais eram vistos como ‘ameaças’ à ordem, daí começarem a ser associados à anormalidade, ao desvio e até mesmo à doença mental” (Miskolci, 2013, p. 15). Segundo Durval de Albuquerque Júnior, em muitos discursos masculinos “as fronteiras de gênero pareciam estar se misturando, a confusão, marca do mundo moderno, fruto da quebra dos limites trazidos pelos costumes tradicionais, parecia instalar-se” (Albuquerque Júnior, 2013, p.40).

Tiburcio é um homem interiorano, mas relaciona-se também ao fato da *Careta* não ser um veículo favorável ao feminismo e a discussões relacionadas a ele (Voks, 2012; Moreira, 2021). Ao mesmo tempo, a aceitação dos costumes modernos demonstra, sob o ponto de vista de mercado adotado pela revista ilustrada, como o progresso urbano e burguês era encarado como incontornável.

Como citado acima, a preocupação com a situação de sua família é outro tópico explorado, em que se discutem as mudanças de estrutura familiar, de gerações e de práticas oriundas dos gêneros masculino e feminino. Para discutir esse aspecto, volto a trazer a charge mencionada na introdução deste artigo, que passou a ocupar, depois de um tempo, o cabeçalho das *Cartas de um matuto*, como na Figura 3:



Figura 3. Cabeçalho de *Cartas de um matuto*. Fonte: *Careta*, 20/01/1912, p. 26, Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em primeiro lugar, a charge apresenta características físicas dos personagens normalmente mencionados em texto, e que, à exceção de Tiburcio, jamais foram apresentados em fotografias. Uma das práticas recorrentes entre os chargistas da Primeira República foi a criação de personagens, que foram, “na verdade, exercícios narrativos de concisão e síntese verbal, dentro de um discurso gráfico que se articula num só quadro” (Teixeira, 2001, p. 28). Cada personagem, a partir de suas características, embasava determinada mensagem ou representação a ser comunicada pela charge. Baseados, muitas vezes, em estereótipos criados nas próprias revistas, os personagens ganhavam vida ao longo das páginas periódicas e cumpriam seus papéis. Aqui, além de Tiburcio, os demais aparecem respectivamente como a matriarca ranzinza, a moça casadoira e o jovem *smart*.

O plano de fundo cumpre função narrativa, em vista de seu afastamento de traços que indicam uma espécie de degradê que parte da direita e culmina nos riscos horizontais entrecortados pelos verticais, à esquerda, que indicam o gesto de Tiburcio. Nesse sentido, a leitura “correta” da charge se dá da direita para a esquerda, com uma grande noção de mobilidade e agilidade, já que, para completar, Tiburcio aparece erguendo o guarda-chuva para chamar um bonde, momento em que profere a já mencionada frase “*Apara o bonde!*”. Por mais de uma razão, há uma urgência em toda a cena. De início, pode-se falar sobre as vertigens dos novos tempos, dada a novidade do transporte urbano e o quão curtas as distâncias se tornavam graças às inovações nesse sentido. Para brincar com essa nova dimensão de velocidade, o humorismo muito se apegou à sátira dos meios de transporte (Saliba, 2006, p. 329), a começar pelo bonde, representante máximo dessa questão antes da popularização dos automóveis. Parte da energia da cena está voltada para isso, o que dialoga com a tentativa de adaptação do personagem interiorano aos ritmos da urbe carioca. O bonde não vai parar, mas Tiburcio pede mesmo assim.

O segundo ponto a ser levantado pela charge é o afastamento da mocinha de seu pretendente *smart* – tipo de homem jovem típico das primeiras décadas do século XX, adepto das modas, do apuro com a própria aparência, das tecnologias da modernidade e das novas práticas sociais e econômicas da sociedade burguesa (Feijão, 2009, p. 3). Assim, na charge, afastar a mocinha desse tipo de pretendente, ainda que brevemente, apresenta a oposição entre duas formas de ser homem, com Tiburcio (tradicional, corpulento, pai de família) de um lado, e o jovem pretendente (moderno, franzino, solteiro) de outro. São dois extremos visuais na charge, mas que ao longo das representações relacionadas à Bibi e ao seu pai, percebemos também os contrastes entre ambas as concepções de masculinidades. As personagens femininas, como supracitado, trazem à tona as ideias de matriarca e jovem casadoira. As mulheres solteiras e jovens foram representadas pelas revistas humorísticas daquele período a partir de certa padronização, através de corpos brancos, magros e esbeltos, que simulavam as moças das classes médias e altas a partir do ponto de vista do desejo masculino. O formato do corpo era desenhado em “S”, destacando as curvas e os “atributos femininos”, em uma perseguição visual do gênero (Moreira, 2021, p. 266). Todas essas características aparecem na representação da filha de Tiburcio, Bibi, que é inserida na charge como ciente desses fatores, os quais utiliza para “se engraçar” com o rapaz *smart* presente na cena. Ela está virada para ele, sorrindo com afetação, com o bumbum empinado em sua direção e sendo levada contra a vontade na direção oposta. Toda a insinuação torna-se cômica dentro da charge, em um questionamento da força da autoridade do pai, além das malícias oriundas das modernidades urbanas.

Nesse sentido, Dona Biella está centralizada na imagem por um propósito: ela segura a filha por estar mais perto, mas ao ser ela própria puxada pelo marido, ocupa posição intermediária dentro do controle parental sobre as decisões da moça. Dona Biella exerce sua função dentro daquela composição familiar, cabendo a ela o campo dos afetos. Sua representação chágica segue o estereótipo da mulher gorda e autoritária, em oposição à filha magra e solteira. Ela já está casada há tempos, e sua silhueta, somada à idade, procura colocá-la no campo da experiência de vida, ao contrário da filha, jovem, ainda esbelta e “por desabrochar”. Conforme Denise Sant’anna, entre as primeiras décadas do século XX, acreditava-se que o amadurecimento feminino após o casamento tirava seu viço original (Sant’Anna, 2014, p. 41). Fica evidente aqui a construção social ao redor da honra, a partir da qual o gênero feminino se transforma em objeto de controle. Neste caso, responsável pela honra dentro do lar, a mãe aparece como uma figura de autoridade que afasta a filha da desonra, pois “a honra sexual era percebida como a base da família e esta como a base da nação” (Motta; Assis, 2019, p. 402). Eis a importância dada à castidade das moças, algo que poderia ser quebrado, *deflorado* por um jovem incauto – isso seria, assim, uma desgraça para a garota e sua família.

Dessa forma, a charge brinca não apenas com a mobilidade crescente dos tempos modernos, como ilustra, de maneira cômica, as intenções do coronel em manter o controle sobre sua filha, afastando-a do rapaz que poderia seduzi-la. Apesar da brincadeira, que trabalha em cima das intenções dos personagens, o casamento está determinado a acontecer e, ao contrário do que se falou no início – que o casório era arranjado –, em diversas partes o humorismo nasce das decisões da própria jovem casadoira:

Para escoliêos padrinho
Temos tido as nossas manha,
Eu queria o Zé dos Porco

Mais o siô Xico Patranha.
 Mas Bibi que tá ladina
 Que já nem mêmo se acanha,
 Qué que seja Ruy Barbosa
 E o Doutô Nilo Peçanha
 (Careta, 16/01/1909, p. 10).

Aqui, percebemos como a decisão dos padrinhos vinha sendo alvo de debate entre o patriarca rural e a filha, já adaptada ao novo contexto. Seguindo os hábitos da modernidade, a escolha dos nomes de Rui Barbosa e Nilo Peçanha – políticos de renome dentro do cenário nacional, pelo menos naquele momento – ganham proeminência sobre os “zé ninguéns” ligados ao campo. Tiburcio acaba concordando, dizendo ter cedido, visto que escolher os amigos era “Pr’os nossos tempo antigo: Hoje as coisa tão mudada, E como as moda eu já sigo, Vou escoliê um graúdo Que tenha os cobre consigo” (Careta, 16/01/1909, p. 10). No entanto, na sequência desta mesma crônica, Tiburcio conta como caiu em um golpe, ao emprestar dinheiro a um desconhecido da capital. Ele finaliza: “Nunca mais hei de falá Nem hei de apertá a mão D’aquelle que eu não conheça” (Careta, 16/01/1909, p. 10).

Surge mais uma expressão de como a moderna humanidade “se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (Berman, 2010, p. 21). Por um lado, as práticas da modernidade são o símbolo do avanço, da moda, do que é a mudança; por outro, trata-se de uma enganação que pode levar o personagem à bancarrota. Comparo isso às observações de Raymond Williams (1989), que versa sobre como as construções morais ao redor da dualidade campo e cidade muitas vezes apontam, para a segunda, associações tanto positivas (conhecimento, comunicação, luz) quanto negativas (barulho, mundanidade e *ambição*). Tiburcio, na posição de homem rural conhecendo as formas de vida dentro da sociedade urbana, acaba por se deparar com as várias facetas dessa vida até mesmo durante o casamento da filha.

Ao longo de toda a crônica, inclusive, ele menciona o fato de ser um homem honrado, e como os demais personagens masculinos riram por ele ter sido enganado. A honra, no sentido dado por Guillet (2013), aparece como um valor compartilhado de respeito mútuo entre homens. Ao ser desrespeitado e caçoado, Tiburcio precisa reafirmar sua honra, demonstrá-la no intento de ser reconhecido por seus pares masculinos como igual em respeitabilidade. Assim, novamente é possível acompanhar o uso das masculinidades como elemento narrativo importante para as visões sobre o rural e o urbano, como uma crítica ao que faltaria na prática masculina da época.

Mesmo que as representações tenham se dado através de uma série de favorecimentos às características do urbano, observamos a assimilação de estereótipos campestres, tais como as ideias de virilidade, honra, autoridade e palavra. Tiburcio, portanto, é homem honrado, bem-visto por isso, porém também cômico, já que suas qualidades são cerceadas pelas situações inéditas da modernidade, às quais deve se adaptar. Suas limitações o afastam de ser o modelo exemplar de homem, apesar de indicá-lo como um homem digno de respeito. Isso aparece, inclusive, nos momentos em que ele interage com a mocidade universitária:

Fui na Escola de Dereito,
 Chamei um moço p’ra dança,
 E dei elles meus conselho

Usando palavra mansa.
Os moço tão furioso
Com a tal candidatura;
Dão vivas ao Rio Branco
E dão morra á dita dura.
Eu mêmo fiz um discurso
Pondo o Barão nas altura,
E os rapaz da facurdade
Me applodia com loucura
(Careta, 19/06/1909, p.18).

Nesta ocasião, Tiburcio indica seu apoio ao Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores e nome civil cotado por muitos na época para se tornar candidato à presidência. Antes de apoiar Rui, a *Careta* fez coro aos pedidos pela candidatura do barão. Seja como for, o conselho aos bacharéis mostra sua deferência para com as figuras urbanas de poder masculino, e sua busca por influenciar os jovens, algo pelo qual é apoiado.⁸

A participação de Tiburcio na vida moderna permanece fora das *Cartas*. Em uma coluna de título “*Dona Biella d’Annuniação*”, lemos uma história divertida em que a mulher do personagem é a protagonista:

Agora que a candidatura presidencial do coronel Tiburcio d’Annuniação veio produzir um recrudescimento da popularidade do nosso illustre collaborador, a curiosidade publica se entretém com prazer sobre tudo que se refere ao illustre coronel e a sua familia. Apesar de sua digna consorte Dona Biella não se comprazer com a projecção da luz da publicidade, sobre a modéstia da sua vida respeitavel e simples como a de uma matrona antiga, pedimos venia para narrar estes casos e historietas que, interessando ao publico, pôdem ser uteis como réclameá candidatura do seu eminente marido (Careta, 11/01/1913, p. 12, grifos meus).

Note que, por vezes, Tiburcio é um “eterno candidato”, figurando como alguém que será um político em um momento que nunca chega. Desde sua apresentação inicial, em 1909, o personagem critica o sistema político e procura se inserir como uma alternativa passível de colaborar para a melhoria da República. Dotado de sua suposta influência social e política, quando não é ele próprio o homem a ser seguido, Tiburcio dava os rumos de quem seria a figura ideal – primeiro Rio Branco, e depois, Rui Barbosa. Nesse sentido, ao mesmo tempo que observamos mais uma manifestação do humor da “desilusão republicana”,⁹ também percebemos o personagem como um espaço da revista para comunicar seus interesses políticos imediatos.

E o que Dona Biella, esposa de Tiburcio, tinha a ver com isso? Ela aparece aqui como uma pessoa útil para a projeção nacional do nome do marido. A trajetória de sua mulher se torna especialmente

8 Posteriormente, no momento da eleição em si, Tiburcio comentou em suas *Cartas* como até mesmo o cheiro de pólvora pairava no ar, em um tom de constatação da violência política do período (Careta, 05/03/1910, p.18). Apesar de todos os fatores que pudessem levar alguém a desistir de participar do processo eleitoral, Tiburcio demonstrou firmeza, coragem e convicção quanto ao nome de Rui Barbosa para a presidência: “Do fundo do coração, A Ruy Barbosa, meu home, Do Brasil a sarvação, Haja o que havê pelas rua, Amenhã nas inleição, Mas eu voto é no meu home, Não acceito imposição” (Careta, 05/03/1910, p. 18). Eis mais um exemplo viril vindo do personagem do campo voltado aos atos públicos e políticos do meio urbano.

9 Fenômeno que expressou de maneiras diversas, mas principalmente através do humor chágico, o descontentamento de artistas e periódicos com os rumos da República, que era conduzida por elites estaduais por meio de práticas políticas excludentes (Saliba, 2002, p. 66-70).

importante, podendo servir como balizador da capacidade masculina enquanto chefe da casa. Suas aparições textuais, de certa forma, complementam o que vimos acima sobre sua centralidade na charge-cabeçalho das *Cartas de um matuto*, ainda mais se considerarmos que certas representações do início do século XX pintaram as mulheres como responsáveis por preservar a honra masculina, como uma manutenção de *prestígio* (Motta; Assis, 2019, p. 403), mesmo que isso nem sempre se refletisse no cotidiano. Elemento especial para a concretização de alianças sociais e políticas, a mulher “bem falada” era símbolo a ser apresentado à sociedade, ao contrário da “mal falada”, vista com desprezo (D’Incao, 2004, p. 229). Nesse sentido, mais uma vez, a despeito das críticas que o próprio Tibúrcio faz, sua trajetória ficcional acompanha “as mudanças de seu tempo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mônica Velloso comenta sobre como o humor é capaz de “atingir novas formas de expressão, percepção e comportamento de uma determinada época”, devido ao “seu caráter de impacto, condensação de formas, debate sobre o cotidiano, e principalmente por sua agilidade na comunicação” (Velloso, 2015, p. 133). O personagem Tibúrcio d’Annunção parece servir como ferramenta privilegiada para esse tipo de abordagem da História, até mesmo pelo fato de seu deboche ter vários sentidos, sendo o personagem elencado como articulista crítico aos acontecimentos da capital e dos novos tempos republicanos. O “humor é polissêmico, capaz de incluir a ideia de combate, passatempo, denúncia, diversão, irreverência e informação” (Velloso, 2015, p. 94), e todas essas características aparecem nos versos do suposto coronel, que por vezes intercala assuntos, ou em suas demais aparições na *Careta*.

Como diz Angela de Castro Gomes, o Rio “era o centro da polêmica”, e reunia as paradoxais visões sobre desenvolvimento e atraso, destacando sua necessidade e, ao mesmo tempo, servindo de palco para as transformações (Gomes, 1999, p. 13; 22-23). A missão civilizadora da intelectualidade carioca expressa em diversos periódicos aparece também nas fontes analisadas e no seu personagem, que congrega elementos aparentemente tão diferentes, mas que se enlaçam em meio ao turbilhão da modernidade brasileira. Inicialmente, portanto, podemos identificar como Tibúrcio d’Annunção é resultado da confluência do humorismo e da ideia ilustrada de civilizar a nação republicana: ele apresenta os ideais da República, busca seguir os ditos “modismos”, adere às novidades, porém também delas se ressentia. Ele destoa do padrão letrado, no entanto, ao ser um homem rural e de mais idade. O humor reside não só nas enrascadas e em seus erros, mas nos próprios absurdos ditos pelo coronel, que a despeito de seus esforços em seguir a modernidade, evidencia os contrastes que vem junto dela.

O passado idealizado pelo personagem é, à sua maneira, repleto de contradições – a inflexibilidade da masculinidade, a proximidade das relações, a distinção rígida entre os gêneros –, porém é estabelecido como um oposto idílico aos problemas acompanhados no Rio de Janeiro, que geralmente apontam na direção da *enganação*. Essa noção, ao mesmo tempo em que foca, de fato, numa vida sentida especificamente na capital, procura universalizar a dualidade entre os ambientes rurais e urbanos de todo o país, por contrastar os espaços em um paralelo constante entre seus aspectos mais gerais. Como bem diz Williams, “esta vida campestre tem muitos significados: em termos de sentimentos e de atividades; no espaço e no tempo” (Williams, 1989, p.14-15), ganhando determinados contornos a fim de se criar uma imagem de dois espaços, agora considerados “pólos opostos”.

O uso da linguagem “caipira”, com palavras escritas a partir de sua entonação, simulando uma fala repleta de sotaque, é um retrato de uma tentativa de diversificar a estética da arte para provocar um efeito inovador no público. No texto “*O momento nacional pelo Coronel Tiburcio*”, de 1917, o personagem é inquirido sobre alguns aspectos da política nacional, assunto que chega à estadia de marinheiros estadunidenses no Brasil. Tiburcio estranha o vocabulário estrangeiro, afirmando que eles se chamavam por nomes feios: trata-se de sua incompreensão sobre a língua inglesa, onde ele troca *body* por bode, e *boy* por boi. O jornalista explica esse engano a Tiburcio, que retruca: “*Sim, mas isso é lá na terra delles. Aqui a moda é deferente. Boi é boi e bode é bode mesmo. Elles tão na nossa terra e devem acompanhá nossos costume. Cada terra com seu uso*” (Careta, 21/06/1917, p. 8, grifos meus). É possível observar aqui, inclusive, as ideias que a revista fazia circular, através das palavras de seu personagem, sobre a transposição de costumes de um lugar para o outro. Tiburcio demonstra que a adesão aos costumes do local em que a pessoa se encontra deve fazer parte de seu cotidiano. Nessa anedota, fala-se sobre americanos e brasileiros, entretanto, a relação pode ser também feita entre interioranos e moradores da cidade, entre os “de fora” e os cosmopolitas *chics* e *snobs*.

A questão da linguagem ligada aos costumes, aliás, pode ser pensada sobre a própria representação de Tiburcio. Antes, neste artigo, mencionei uma edição de 1913 na qual os autores debocham da sintaxe do coronel. O que deixei de mencionar, no entanto, é que após essa troça, a revista comenta: “[...] na sua longa estadia no Rio, *tornou-se*, porém, pessoalmente, um *cavalheiro de maneiras muito distinctas*” (Careta, 04/01/1913, p. 17, grifos meus). Ou seja, o uso da linguagem de Tiburcio não o impediria de se tornar um homem *um pouco mais civilizado*, algo que se aproximasse dos moldes da capital republicana, apesar de servir como um demarcador de alteridade em relação à modernidade urbana. Ao mesmo tempo, o texto conecta a forma de escrita formal do português à própria ideia de civilização, sapiência, algo que seria mobilizado por periódicos da Primeira República para caçoar de pessoas vistas como alheias (ou entraves) às alterações do dito progresso.

Se Tiburcio vê que no interior as mulheres devem usar somente saias, ou que os homens devem observar determinado caminho de conduta, ele também demonstra compreender os processos de individualização e de alteração das relações na cidade-grande. Assim, sem nunca perder de vista o olhar tradicional sobre a vida, Tiburcio busca se relacionar, de maneira cuidadosa, com o moderno. A *Careta*, símbolo do processo de modernização republicana, procurou condensar estereótipos da renovação, do interior e da capital em um só personagem. Suas experiências evidenciam uma tentativa da revista de dialogar com o cenário macro sem perder a noção de perspectiva, dado que as concepções de masculinidades empregadas nas representações faziam parte das discussões sobre como se portar no cenário republicano brasileiro. A legitimidade do lugar social masculino jamais é questionada: o *status quo* apenas ganha novo contorno, menos engessado, e que através da lente de Tiburcio aparenta ser risível, por ele representar a “grossura” do campo. As masculinidades são diversas, complexas e historicamente situadas, sendo justamente construídas em narrativas como as do matuto, estabelecidas como canais para expressar o que era engraçado, condenável ou desejado.

As complexidades do coronel apenas podem ser tangenciadas por este artigo, porém uma coisa é certa: boi é boi, bode é bode. A tentativa de manter o turbilhão de informações e inovações em um dualismo simples demonstra apenas uma forma de apreensão da modernidade, como mais um mecanismo de controle desse processo. Trata-se, no fim, de uma representação de como o clima da

época era incorporado pela intelectualidade presente nas revistas, que o reproduziu com base em uma inevitabilidade do progresso urbano. Um avanço que se soma ao desajuste daqueles que vêm de fora, que procuram aderir a ele antes que o rolo compressor da modernidade passe por cima. Ou, melhor dizendo, que procuram aparar o avanço do bonde, antes que ele parta para longe.

REFERÊNCIAS

FONTES

CARETA. 09/01/1909, n. 32, Ano II. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/11>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 16/01/1909, n. 33, Ano II. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/44>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 23/01/1909, n. 34, Ano II. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/69>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA, 19/06/1909, n. 55, Ano II. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/852>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA, 05/03/1910, n. 92, Ano III. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/2215>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 25/03/1911, n. 147, Ano IV. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/4178>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 25/11/1911, n. 182, Ano IV. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/5564>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 20/01/1912, n. 190, Ano V. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/5917>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 04/01/1913, n. 240, Ano VI. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/8351>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 11/01/1913, n. 241, Ano VI. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/8398>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 09/12/1916, n. 442, Ano IX. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/17195>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 10/03/1917, n. 455, Ano X. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/17662>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 07/07/1917, n. 472, Ano X. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/18254>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 21/07/1917, n. 474, Ano X. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/18310>. Acesso em: 15 set. 2026.

CARETA. 18/08/1917, n. 478, Ano X. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/18450>. Acesso em: 15 set. 2026.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” - Uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

CARTAS de um matuto e outros causas - Rogério Nascimento. [S. l.: s. n.], 8 set. 2016. 1 vídeo (6min55seg). Publicado pelo canal Programa Diversidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pNxO4iT5YJU>. Acesso em 26 maio 2024.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese (Doutorado em História), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10549/1/Tese%20Aldrin%20Castellucci.pdf>. Acesso em 18 jan. 2024.

CORREA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine Careta (1908-1922). *Patrimônio e Memória*, v. 8, n.1, 2012. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/40/40>. Acesso em 20 abr. 2024.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921)*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: INTERCOM, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1242-1.pdf>. Acesso em 19 dez. 2023.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GUILLET, François. Ocasões privilegiadas da exibição da virilidade. In: CORBIN, Alain. *História da Virilidade - Volume 2: O triunfo da virilidade: o século XIX*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

HAHNER, June Edith. *Emancipação Do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem: A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1990. Disponível em: www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf. Acesso em 26 maio 2024.

MOREIRA, Thaís Batista Rosa. O (anti)feminismo nas representações da virilidade na imprensa ilustrada humorística (Brasil e Argentina, 1904-1918). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 31, p.257-292, ago.-dez., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46752/anphlac.31.2021.3951>. Acesso em 25 maio 2024.

MOTTA, Flávia de Mattos; ASSIS, Glaucia de Oliveira. Honra. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro (org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Editora Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista *Careta* (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. *Miscelânea*, Assis, v. 8, jul./dez. 2010.

RODRIGUES, Beatriz. *Linguagens urbanas e modernidade na "Babel amalucada": cartas caipiras em periódicos paulistanos (1900-1926)*. Dissertação (Mestrado em História), Franca: Universidade Estadual Paulista, 2015.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: PRIORE, Mary Del. AMANTINO, Marcia. *História dos Homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil - volume 3: Da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

UEÓCKA, Lorayne Garcia. *A Campanha Civilista nas ruas: uma análise de sua construção retórico-política*. Tese (Doutorado em História), Assis-SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2004. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103206/ueocka_lg_dr_assis.pdf?sequence%20=1&isAllowed=y. Acesso em 26 maio 2024.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora KBR, 2015.

VOKS, Douglas. As representações sociais sobre as mulheres na revista *Careta* (1910 – 1920): entre a mulher ideal e a independente. *Temporalidades – Revista Discente | UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5493>. Acesso em 30 mar. 2024.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.